

Dia-a-dia

08473

Ameaças pela internet.

Sites de relacionamento, como Orkut, tornam-se verdadeiros campos minados, ao facilitar a troca de ameaças entre gangues rivais. **PÁG. 10**

Violência. Maior parte se envolveu em situações que prejudicaram a ação de traficantes em seu bairro

Jovens saem de casa para não ser mortos pelo tráfico

32 adolescentes e suas famílias estão sendo atendidos por programa de proteção

VILMARA FERNANDES
vfernades@redgazeta.com.br

■ Ameaçados de morte por traficantes, 32 adolescentes não podem mais voltar para casa. São na maioria meninos (há nove meninas) que precisaram deixar amigos, familiares e escolas e reinventar uma nova vida em outro bairro, cidade e, às vezes, até em outro Estado. A maioria leva junto suas famílias. Ao todo, já se trata de um grupo de 80 pessoas, que vem sendo atendido pelo Programa de Proteção à Criança e ao Adolescente Ameaçado de Morte (PPCAAM-ES).

O projeto, apesar das particularidades, guarda semelhanças com o Provita, o programa que garante a proteção aos que testemunharam fatos que colocaram suas vidas em risco. Nos últimos anos, o PPCAAM já atendeu a cerca de 240 pessoas. A principal diferença, neste

caso, é que os adolescentes não são testemunhas, são vítimas da violência.

IDADE

A maior parte são jovens, na faixa de 14 a 18 anos, que se envolveram em situações de risco ao cometerem pequenos delitos que atraem a atenção da polícia para seu bairro. Dessa forma, prejudicam a atuação do tráfico no local e, por consequência, acabam tendo suas vidas ameaçadas. Outros deixaram de acertar contas com os traficantes, seja pela venda ou pela compra de drogas, e suas vidas também passaram a valer muito pouco.

Há ainda os que são ameaçados por agentes do Estado e, nesse caso, precisam ser enviados para outras unidades da federação.

Segundo a coordenadora do programa, Andréa Ferreira, presidente da ONG Centro de Apoio aos Direitos Humanos Valdício Barbosa dos Santos, em 90% dos casos uma transferência para outra região resolve o problema. "O adolescente tem que sair da comunidade, senão morre."

Mas há os casos em que o risco de morte é maior, além dos sobreviventes de chacinas, cujas famílias foram destruídas. Quando isso acontece, eles são encaminhados para casas-abrigo ou para famílias acolhedoras até que o juiz defina seu futuro.

ENCAMINHAMENTO

Os jovens entram para o programa após terem sido encaminhados pelos conselhos tutelares, juizados e promotorias municipais. Com as informações recebidas desses órgãos o programa dá início a uma avaliação para checar a extensão das ameaças e o quanto de risco ela representa para a vida do jovem. A partir dessa conclusão é que será definida a participação dele no programa.

Em geral, as famílias ficam de seis meses a dois anos no programa. Nesse período, recebem apoio psicossocial, acompanhamento para se adaptarem em novas escolas, qualificação profissional e, em casos extremos, até ajuda financeira e alimentar. Todas são acompanhadas por um período mínimo de dois anos.

Mudança de vida não exclui punição por crimes

Adolescentes protegidos após ameaças têm que

livres de suas responsabilidades. Todos os atos infracionais são mantidos e acompanhados pelo juiz de

O que ocorre, segundo a coordenadora, é que alguns, graças ao trabalho de assistência social mais pre-

Juventude em risco

PERFIL DOS JOVENS AMEAÇADOS PELO TRÁFICO

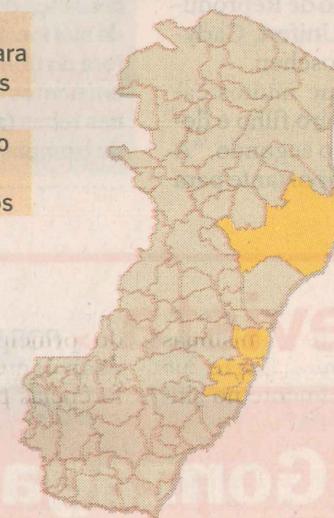
- São, em sua maioria, filhos de mães chefes de família, que mal conseguem absorver todas as atividades que executam: trabalhadora, chefe de família, a mulher que cuida da casa
- Têm entre **14 e 18** anos
- Na maioria, são afrodescendentes
- Têm baixa escolaridade
- A renda máxima da família é de um salário mínimo
- Possuem pouca ou nenhuma qualificação profissional
- **40%** são egressos de medidas socioeducativas
- Entre os meninos, a maioria tem envolvimento com tráfico (uso ou venda)
- Muitos atraíram a atenção da polícia por pequenos delitos cometidos na região em que vivem, causando problemas para o tráfico
- Entre as meninas, além do envolvimento com drogas, muitas são vítimas de exploração sexual ou estão envolvidas em brigas de gangues

O QUE ACONTECE QUANDO ENTRAM NO PROGRAMA DE PROTEÇÃO

- 90%** dos casos são de ameaças de traficantes → Os jovens são deslocados para outras cidades
- 10%** são de casos mais graves, com ameaças vindas de agentes do Estado → As vítimas são levadas para outros Estados

Recebem acompanhamento psicossocial, acompanhamento nas novas escolas e nos postos de saúde, além de qualificação profissional

Não podem fazer contato com amigos anteriores enquanto as ameaças perdurarem



VITÓRIA, SERRA, VILA VELHA, CARIACICA, VIANA e LINHARES são alguns dos municípios com adolescentes inseridos no projeto

Adolescentes protegidos após ameaças têm que cumprir pena por infrações cometidas

■ Um ponto importante do programa é que não são retiradas as penalidades legais impostas aos adolescentes por crimes cometidos.

“Entrar para o programa não significa que eles estão

livres de suas responsabilidades. Todos os atos infracionais são mantidos e acompanhados pelo juizado e pelo Ministério Público. Eles precisam aprender a viver como cidadãos responsáveis por seus atos”, diz a coordenadora.

Os municípios que mais remetem adolescentes para o programa não são, necessariamente, onde há um maior índice de ameaças.

O que ocorre, segundo a coordenadora, é que alguns, graças ao trabalho de assistência social mais presente, conseguem identificar com maior rapidez os adolescentes e o risco a que estão submetidos e, por isso, inserem um maior número deles no programa. É o caso de Serra e de Vitória, que estão na liderança, seguidos por Cariacica, Viana e Linhares.

GABRIEL LORDÉLLO



Mãe conta drama da dependência

■ De um garoto saudável e risonho, José (nome fictício), 12 anos, transformou-se em uma criança agressiva, que abandonou casa e escola. O tiner, e por último o crack, roubaram seus vínculos familiares e quase levaram sua vida. Chegou a ter as mãos queimadas por traficantes e seu destino, agora, ainda é uma incógnita. Depois de uma grave crise de abstinência, foi internado em uma instituição no interior

do Estado. A mãe, Maria, só pode rezar para que o garoto, que de tão magro mal lembra o menino de outrora, sobreviva. Ela participou de uma verdadeira batalha travada pela equipe de Abordagem de Rua da Assistência Social da Prefeitura de Vitória e por policiais da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), na semana passada, para resgatá-lo da “cracolândia” da Vila Rubim, considerada pelos técnicos da abordagem “o fundo do poço”, o último estágio dos viciados em crack. Os piores momentos da vida de dona Maria começaram quando o filho, o

único de cinco irmãos a se envolver com drogas, começou a usar tiner, aos 8 anos. Ela reconhece que não percebeu os sinais nem deu atenção aos alertas dos vizinhos. E quando ele começou a vender balas na rua, acreditou que assim ficaria longe de problemas. Mas era justamente o dinheiro da venda que ele usava para alimentar seu vício. “Ele não ficava em casa. Pulava a janela, desaparecia.” Durante a crise de abstinência, o garoto não reconhecia sequer a mãe e a mordida quando ela tentava segurá-lo. “Não quero que nenhuma mãe passe por isso”, diz a mulher.

Consumo de crack aumenta até mesmo entre crianças

BRUNO MIRANDA/ARQUIVO

Crescimento no uso da droga preocupa técnicos que monitoram a população de rua

■ Nos anos 80, eles cheiravam cola. Com as restrições à venda, passaram a se drogar usando solventes, o tiner. Agora, o crack reina entre os adolescentes que vivem nas ruas da Capital. O crescimento no consumo da droga vem preocupando os técnicos que monitoram a população de rua. De acordo com a secretária de Ação Social de Vitória, Ana Maria Petronetto Serpa, até crianças estão usando o crack, uma droga mais pesada e com um potencial de vício mais elevado.

“O que nos preocupa é que elas estão consumindo a droga cada vez mais cedo”, diz a secretária, relatando que os técnicos já encontraram crianças com menos de 10 anos usuárias da droga.

A postura da Semas, agora, é de tentar retirar o mais cedo possível essas crianças e esses adolescentes das ruas. “Quando um novo membro é identificado nos grupos que vivem nas ruas e que são usuários de crack, fazemos uma abordagem rápida para retirá-lo antes que o processo de rompimento dos vínculos familiares sejam mais fortes”, observa Ana.

POPULAÇÃO

A última pesquisa de população de rua realizada pela Semas, concluída na semana passada, contou 402 pessoas vivendo nas ruas. O que se constatou é que houve uma diversificação no perfil da popula-



MAIORIA. 75% das pessoas em situação de rua são adolescentes

ção de rua. Antes, a presença dominante era de mendigos. Agora há grupos com integrantes de vários perfis, que vão de adolescentes ameaçados pelo tráfico a migrantes.

Para melhorar o atendimento a essas pessoas, mais três

Centros de Referência e Assistência Social (Cras) serão criados, voltados para atender famílias em situação de risco social e vulnerabilidade. Neles, são oferecidos serviços com o objetivo de manter e fortalecer os vínculos familiar e comunitário.

A rua como lar

A Prefeitura de Vitória identificou 80 jovens em situação de rua

PERFIL

- 71% são do sexo masculino
- 75% são adolescentes
- 39% vigiam carros
- 47% fazem uso de drogas: maconha, tiner, crack
- 66% são analfabetos
- 92% são afrodescendentes
- Idades variam entre 13 e 16 anos

LOCAIS ONDE FICAM COM MAIS FREQUÊNCIA

- Centro (Praça Costa Pereira)
- Vila Rubim (matinha da rodoviária)
- Orla
- Jardim da Penha (praças)
- Jardim Camburi

Fonte: Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Vitória (Semas)